

Organizar a esperança: PSOL Amazonas na defesa do ecossocialismo e em defesa da Amazônia para seus povos!

Esta tese reúne militantes do Núcleo PSOL Coroado, do Subverta e independentes. Estamos na Amazônia construindo um profundo compromisso na luta por um PSOL cada vez mais engajado nas lutas e inserido nos movimentos sociais. Queremos um PSOL cada vez mais democrático, participativo e popular, na defesa de um programa ecossocialista, pautado nas lutas sociais como alavanca de outra sociedade e de um novo modo de bem viver.

Conjuntura nacional e papel do PSOL

Em todo o governo Bolsonaro, estivemos entre aqueles que defendem que a principal tarefa é a luta contra o fascismo, sem medir esforços para construir frentes únicas de esquerda para resistir. Em 2022, defendemos apoio a Lula desde o 1º turno, ao mesmo tempo em que, nacionalmente, foi lançado um programa de medidas estruturais pelo PSOL: o Direito ao Futuro. Estava em jogo unificar forças de esquerda contra o projeto ecocida e autoritário de ataques à democracia, aos direitos e à Amazônia.

Assim, o PSOL ampliou sua presença no movimento social e elegeu sua maior bancada na Câmara Federal, feminista, indígena e negra. Participamos da Transição e no fim do ano o partido aprovou duas resoluções importantes: o partido não terá cargos no governo e no Congresso Nacional apoiará a reconstrução do país e enfrentará a extrema direita, preservando sua autonomia e independência para a defesa de um programa próprio de medidas estruturais para o povo. Estas resoluções também respeitaram a indicação do Movimento Indígena e Sônia Guajajara ocupa o Ministério dos Povos Indígenas, um importante e inédito lugar na reconstrução dos direitos dos povos indígenas no Brasil.

A eleição de Lula representou uma vitória importante para remover Bolsonaro do poder. Com uma eleição polarizada, ficou nítido que o processo político-social mais significativo e profundo dos últimos anos foi o aparecimento e a consolidação de uma extrema direita de massas no país. As principais tarefas do PSOL se dão em um cenário onde o pesadelo do governo Bolsonaro finalmente terminou, mas a luta contra o fascismo continua e o novo governo Lula está emparedado pela oposição bolsonarista e também pelo centrão e direita tradicional que integram o governo, com Ministérios (este é o significado prático da conciliação de classes), mas continuam a chantagear e tentar bloquear medidas e reformas positivas. Sem que haja luta social, o desfecho pode ser desastroso. O PSOL tem um papel chave: defender a legitimidade do novo governo contra o golpismo, construir a Frente Única de esquerda nos movimentos sociais, defender uma governabilidade alicerçada na luta

social e ter firmeza na defesa de um programa de medidas estruturais para a classe trabalhadora, povos originários, mulheres, negros e LGBT.

Frente a tais dilemas, manter uma *governabilidade conservadora* só leva o governo e a classe trabalhadora à derrotas porque, com frustração, a extrema direita pode voltar ao poder. Além disso, as concessões já feitas, logo no início do governo, à direita e ao centrão não cumpriram o papel de estabilizar as relações entre governo e Congresso. Logo após a votação do novo arcabouço fiscal, Arthur Lira e o Centrão apresentaram MP para reorganização dos Ministérios, buscando esvaziar o Ibama e os Ministérios dos Povos Indígenas e Meio Ambiente, aprovaram a urgência do PL 490 para destruir terras indígenas, facilitaram o desmatamento da Mata Atlântica e avançam na anistia aos partidos que descumpriram as cotas de gênero e raça. Ao invés do PT votar a favor destes projetos fazendo mais concessões, deveria construir uma governabilidade pela esquerda, chamando mobilizações. A construção de lutas sociais e preservação da Frente Única é uma tarefa estratégica.

O desfecho da situação brasileira está em aberto: se haverá uma recomposição ou enfraquecimento da extrema direita. Há três estratégias em debate na esquerda, tanto em relação ao governo Lula, quanto em relação ao combate à extrema direita - que se entrelaçam em certa medida. A primeira é *adesista* em relação ao governo, significando apoio incondicional, mesmo perante as concessões para o bolsonarismo e o grande capital. A segunda é *sectária* e se concretiza hoje em uma linha de oposição de esquerda ou “nem a direita, nem o PT”. Trata-se de um erro sectário por romper canais de diálogo que permitam articular a defesa das bandeiras imediatas e estruturais com um setor mais amplo de trabalhadores que se referencia no governo. A terceira estratégia, que defendemos, seria apoiar as medidas positivas, sempre defendendo as bandeiras necessárias para mudar radicalmente o país, apostar na mobilização para avançar mais, assim como rejeitar medidas que levem a retrocessos, como o arcabouço fiscal.

A esquerda brasileira já conheceu exemplos de institucionalização de partidos, movimentos e lideranças e este processo cobrou um preço alto quando a direita se reorganizou, tomou as ruas e impôs a agenda do golpe. O PSOL nasceu para superar este caminho e não para repeti-lo. É verdade que a ofensiva de grupos extremistas foi chave, mas ele se complementa com a baixa capacidade de resistência e mobilização social, que é a principal defesa dos trabalhadores e excluídos.

O trabalho de base é decisivo para reconstrução da subjetividade da classe trabalhadora, a construção política cotidiana da retomada democrática nos locais de trabalho e estudo, nos

quais a disputa ideológica e política pela consciência de classe está em curso, deve ser a nossa prioridade.

Conjuntura Amazônia e PSOL Amazonas

Ainda que a superação do capitalismo e a construção de uma sociedade socialista dependam da organização internacional dos trabalhadores, na outra ponta, não pode prescindir da organização e da politização dos trabalhadores em suas bases.

Na Amazônia, tantas vezes atacada pela sanha capitalista, em séculos de colonização - dos barões da borracha aos empresários da Zona Franca - ainda assim, formas de organização social e econômica baseadas na divisão igualitária da produção e na solidariedade resistem até os dias de hoje.

Referimo-nos aos modos de viver dos povos da floresta e, em especial, ao Sistema Agrícola do Rio Negro, patrimônio cultural da humanidade, que serve de base a praticamente todos os sistemas agrícolas, inclusive, de outras regiões do país. Baseado em policulturas, tem como elemento fundamental a mandioca, base da roça, na qual também plantam-se pimentas, cana-de-açúcar, abacaxi, carás e outros alimentos. Nele também, a divisão social do trabalho é justa e igualitária.

Indígenas, seringueiros, ribeirinhos e outros povos conseguem, a partir deste modelo, produzir abundantes alimentos, inclusive com excedente para garantir trocas de produtos com comunidades vizinhas, assegurando maior diversidade de alimentos e outros produtos, como cestarias e artesanatos.

Além disso, mesmo nas grandes metrópoles amazônicas, repletas de famílias oriundas do campo e de áreas ribeirinhas, estes modos de vida são replicados. Milhares de famílias do interior enviam, por barcos de linha, para a capital, a farinha, o açaí, a bacaba, a banana pacovã e o peixe para seus parentes. Nos finais de semana, balneários, praias e igarapés constituem o lazer dos manauaras, reproduzindo, também nessa dimensão, o modo de vida do amazônida.

Um dos maiores ataques à Amazônia, seus povos e modos de vida, se deu no início da década de 1970, com a implantação da Zona Franca de Manaus, projeto da ditadura militar. Este empreendimento não se constituiu somente como catástrofe ambiental, colonizando modos de vida, valores, relações sociais e econômicas.

Amazonenses abandonam seus municípios rumo à Manaus, por causa do canto da sereia capitalista. Nordestinos chegam aos milhares, sobretudo do Ceará e do Maranhão

buscando uma vida melhor. Em poucos anos a cidade incha, seus igarapés se degradam. Milhares de hectares de floresta são derrubados para comportar essa imensa população que chega. A malária e a leishmaniose tomam conta da população. Empresas multinacionais oferecem milhares de empregos com baixos salários. Executivos do Japão e do Centro-sul do Brasil chegam para comandar empresas, ampliando o colonialismo regional. Empresas com matriz em São Paulo, graças à isenção fiscal, drenam recursos do Amazonas e pouco contribuem para o desenvolvimento de nosso estado. O dinheiro que ingressa enriquece uma corrupta burguesia que há mais de três décadas comanda o governo do Estado, ocupando também o legislativo e o judiciário.

Ao longo das décadas seguintes, a mentalidade desenvolvimentista se instala em Manaus e, em escalas distintas, nos demais municípios. A terra, as plantas e animais não são mais bem vindos nos quintais amazonenses. A alimentação fica mais industrializada. De manhã, as frutas e tubérculos regionais, sucos, tapioca, dão lugar ao pão com margarina e café com leite. No almoço, as incontáveis espécies de peixe, os quelônios, o jacaré e a carne de caça, abrem lugar para o frango e a carne bovina. Assim, para grande parte da própria população amazonense, o modo de vida dos povos da floresta torna-se sinônimo de atraso e falta de desenvolvimento. Não se produzem mais alimentos no quintal, agora recoberto por cimento.

Nos anos seguintes, a população de Manaus continua a crescer e a área verde urbana é tomada por ocupações, sobretudo nas zonas Leste e Norte. Os bairros do Coroado e da Redenção nascem destas ocupações.

A Manaus urbana, onde predominavam a horizontalidade dos conjuntos habitacionais, com imóveis que possuíam ao menos um canto de terra para plantar ou ter contato com a natureza, vai alterando sua paisagem para a verticalidade dos condomínios de apartamentos.

A despeito da presença de indígenas e outros povos nas fileiras do PSOL, apesar do partido sempre pautar a questão ambiental no Amazonas, desde o seu nascedouro, somente nos últimos anos, essa pauta ganha força.

Em 2022, o partido, após uma guerra interna com exposição negativa do partido nas redes sociais e até na mídia local, com a insistência de uma das tendências internas do PSOL-AM, de impor, autoritária e arbitrariamente, uma candidatura ao conjunto do partido, houve um desfecho positivo e Israel Tuyuka, indígena do Alto Rio Negro, torna-se o primeiro candidato ao governo do Amazonas da história.

Apesar do desgaste da guerra midiática, que expôs o PSOL, a campanha foi bem acolhida pela sociedade amazonense e, ainda que o resultado pudesse ter sido melhor, o partido ganhou visibilidade e a candidatura de um indígena foi um passo importante para o PSOL-Amazonas.

Esta eleição também marcou a consolidação do Núcleo PSOL-COROADO, um núcleo de base da Zona Leste de Manaus, vizinho da maior área verde urbana do país e no qual diversos movimentos sociais culminaram na construção do partido nesta localidade.

Neste núcleo, seus fundadores trabalham, desde 2004, a partir de movimentos comunitários, com ações ambientais em áreas públicas, como calçadas, igarapés e quintais, organizando mutirões ambientais, com plantios, mapeamento de quintais, ações socioeducativas e revitalização de áreas degradadas, tendo seu trabalho reconhecido, neste bairro de mais de 50 mil habitantes. O Núcleo tem atuado também com educação popular, a partir de cursinhos comunitários e formação de educadores populares, com base na Pedagogia Freiriana.

Atualmente o Núcleo possui dirigentes no Diretório Municipal do PSOL-Manaus e no Diretório Estadual. Neste último, ocupa a Secretaria de Meio Ambiente, sendo nosso estado talvez o único do país a possuir tal instância.

Nela foi possível apoiar a estruturação da Setorial Ecosocialista, que esteve presente, junto com o Núcleo e o Subverta-AM na Conferência da Amazônia, participando da construção de importantes decisões que compõem a política nacional do PSOL.

Além disso, a Setorial dialoga com setores da luta ambiental, pesquisadores, ONGs, movimentos sociais, que participaram de sua fundação. No Coroado, graças à atuação de seus militantes, diversos coletivos, como o Caxxyri e o Floresta Manaós foram organizados e realizaram importantes ações, como a organização dos catadores de resíduos sólidos, a implantação de um Ponto de Entrega Voluntária de resíduos sólidos e diversos mutirões ambientais, envolvendo a retirada de lixo e entulho, construção de viveiros de mudas de plantas amazônicas e o plantio e a arborização de áreas públicas.

Mais recentemente, o Núcleo tem também apoiado a estruturação de núcleos em outros bairros, como é o caso de Santa Etelvina, na Zona Norte de Manaus.

Ecosocialismo, luta ambiental, bem-viver e direitos da natureza

Uma nova esquerda não pode separar economia e natureza para refletir o modelo de

desenvolvimento. A emergência climática impõe a necessidade estratégica mas urgente de uma transformação sistêmica e estratégica do funcionamento da sociedade: uma transição ecossocialista. Que contemple uma profunda transição energética e produtiva na direção de substituir o uso de combustíveis fósseis por energias renováveis, uma profunda reforma agrária agroecológica, uma profunda reforma urbana que equacione habitação (acabando com a especulação na utilização do solo urbano), saneamento, acesso à água, modais de transporte; uma transição que dê conta de zerar o desmatamento predatório das florestas e matas, a liquidação do garimpo ilegal, do envenenamento das águas e a consequente demarcação definitiva das terras indígenas e quilombolas.

No campo, o conhecimento tradicional dos povos da floresta é capaz de manejar variedades de espécies alimentícias resistentes à predadores e patógenos, sem lançar mão de agrotóxicos. Além disso, ao invés de monoculturas, que reduzem a biodiversidade, os sistemas agrícolas tradicionais são capazes de conservar a biodiversidade, preservando fontes de água e a integridade dos solos.

É preciso que tais conhecimentos se ampliem para toda a agricultura familiar e que o grande latifúndio seja, sistematicamente, questionado, que este sistema excludente e desigual, de produção de commodities, seja superado em favor de um sistema mais justo e igualitário.

Na cidade, em todo o país, tem avançado a prática da agricultura urbana. É necessário apoiar a arborização e o plantio de espécies alimentícias também nas grandes cidades. É a luta pela soberania alimentar que está em jogo.

Manaus pode ser referência urbanística, caso recupere seus igarapés, suas florestas, caso torne-se uma metrópole florestal, que respeite sua fauna e sua flora e sua população tradicional. O Amazonas pode, em seus municípios, também, recuperar sua cobertura vegetal urbana, valorizando e incentivando a presença de quintais, a presença de árvores nas calçadas, praças, escolas, florestanizar o urbano! Por isso, é preciso que o PSOL seja, ele todo, núcleos, setoriais, direção, militância, defensor de uma verdadeira práxis ecossocialista.

Assinaturas

Núcleo PSOL Coroadó

Subverta- Coletivo Ecossocialista e Libertário 1. Ana Paula Carvalho de Souza

2. Adilson Maia Rosa

3. Agenor Cavalcanti de Vasconcelos Neto
4. Aldalúcia Macedo dos Santos Gomes
5. Crizolda Assis Araújo
6. Dirlene Menezes Barbosa
7. Eduardo Figueira Rodrigues
8. Elícia da Silva Rodrigues
9. Elivane da Silva Matos
10. Gabriel Corrêa Oda
11. Girleno Menezes Barbosa Junior
12. Girleno Menezes Barbosa Filho
13. Jonatas Vicente Bezerra Júnior
14. João Marcos Paiva da Silva
15. José Augusto Sousa da Silva- Careiro
16. Márcio Ricardo de Souza Gomes
17. Maria Agatha Compton Pinheiro
18. Maria Andrea de Oliveira Viana
19. Maria Evany Nascimento
20. Patrícia Vaz Borges
21. Priscila Costa Azevedo
22. Sendy Beatriz de Souza Guimarães
23. Silvia Yuki Oda
24. Susana Cláudia de Freitas
25. Welton Yudi Oda
26. Jaqueline de Sena Figueiroa

27. Ismael Newton de Oliveira Farias
28. Macário Lopes de Carvalho Júnior
29. Vlademir Palheta Gomes Filho
30. Vitória Macedo dos Santos
31. João Fernandes Borges Neto
32. Lucas do Prado Pereira
33. Pedro Rodolfo Fernandes da Silva
34. Maria de Fátima Compton Pinheiro
35. Mariana Vale de Matos
36. Pedro Henrique Coelho Rapozo
37. Paulo Assunção Silva dos Anjos
38. Kezia Tatianne Simplicio da Costa
39. Celismar Santos Pereira
40. Thais da Silva Santos
41. Mônica Colares Maciel
42. Valter Rodrigues de Lima
43. Daniely da Costa Gomes
44. Athila Andrade Reis